



*Hoje, mais de quatro séculos
após sua morte, uma nova lenda
surge em torno deste homem
incrivelmente versátil*

ERNEST O. HAUSER

Da Vinci, o supergênio

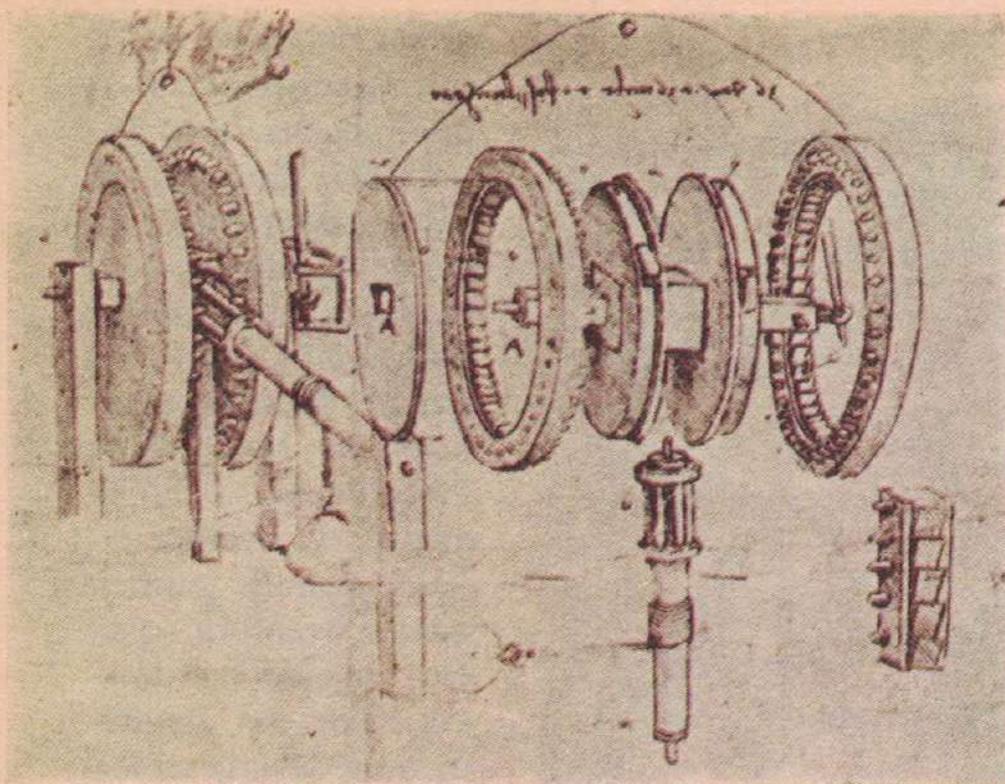
UM NOME célebre está em pauta para reavaliação. Há muito que Leonardo da Vinci é conhecido como um dos grandes pintores da Renascença italiana – o homem que deu ao mundo obras-primas como «A Última Ceia» e «Mona Lisa». Atualmente, há razões para imaginar que esses quadros imortais foram apenas subprodutos de uma mente que operava principalmente no domínio da ciência.

Dois acontecimentos recentes lançaram uma nova luz sobre Da Vinci: a restauração do «Códice Atlântico» de Milão, monumental coleção de seus apontamentos e esboços, e a descoberta de um manuscrito em dois volumes num canto esquecido da Biblioteca Nacional da Espanha. Com esse material agora no domínio público, Da Vinci é o herói do mo-

mento – um gigante de quem cada frase ou rabisco são motivo de exame metuculoso.

Teria ele inventado o helicóptero? O automóvel? Estabelecido os princípios da física e mecânica modernas? Depois de analisar profundamente as evidências e falar com especialistas em Da Vinci, devo confessar que cheguei a uma incrível confusão. Mesmo assim, um fato se destaca na selva exuberante desses papéis: Da Vinci era dessa admirável espécie de homens – um gênio em todos os sentidos.

Rabiscador inveterado. Nascido em 1452 numa pequena fazenda nos arredores da cidade de Vinci, perto de Florença, era filho ilegítimo de uma camponesa e de um notário, que logo o adotou. Vendo que o rapaz tinha tendência para o desenho, seu



Desenho cuidadosamente minucioso e desmembrado de um cabrestante para içar cargas pesadas

pai colocou-o como aprendiz do escultor e pintor florentino Andrea del Verrocchio. Durante os anos de disciplina de estúdio, dominou as técnicas de pintura, fundição do bronze e arquitetura.

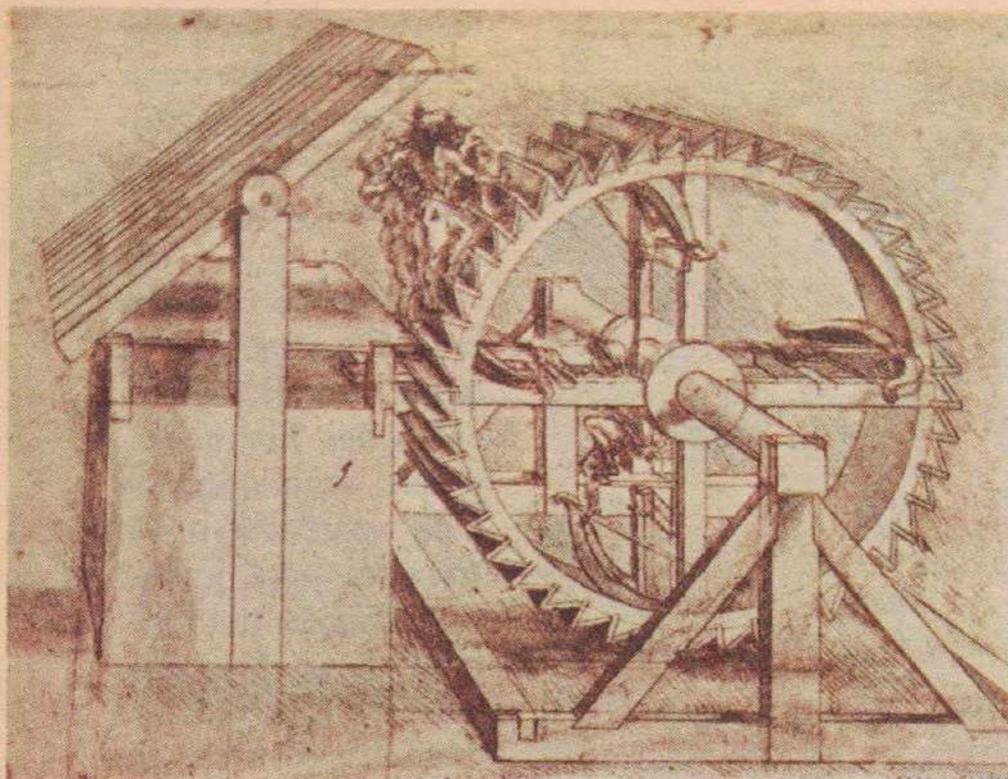
Aos 30 anos, Da Vinci incorporou-se à célebre corte de Ludovico Sforza, duque de Milão e um dos influentes senhores da Europa. Trabalhando inicialmente como engenheiro, projetou fortificações, supervisionou sistemas de irrigação, apresentou um audacioso projeto que transformaria a caótica Milão numa cidade-modelo — e pintou «A Última Ceia». Além disso, era também excelente para improvisar canções, acompanhando-se com uma lira que ele mesmo havia feito. Hábil contador de histórias, tinha o dom de fazer as pessoas rir. Esses talentos, combinados a uma

bela compleição física, rosto bonito e roupas vistosas, transformaram-no na atração da mundana corte milanesa.

Rabiscador inveterado, Da Vinci estava quase sempre fazendo anotações. Frequentemente, seguia pessoas cuja aparência o intrigasse, para gravar suas feições num rápido esboço. Seus projetos em arquitetura e engenharia, seus estudos de perspectiva, botânica, anatomia — tudo era registrado em

cadernos de apontamentos ou qualquer pedaço de papel que tivesse à mão. Esses registros cresceram à medida que se desenrolava a carreira que o levou de volta a Florença, depois à corte papal em Roma e finalmente à França, onde, a 2 de maio de 1519, com 67 anos, faleceu o artista de expressão sisuda e brancas barbas, cercado por seus leais discípulos.

Herança dispersa. Em testamento, Da Vinci deixou seus papéis a um aluno, Francesco Melzi, que os levou para casa, na Itália. Ali, Melzi examinou as anotações, selecionando algumas passagens compiladas num *Tratado de Pintura*, mais tarde publicado sob autoria de Da Vinci. Quanto ao resto da herança, Melzi nada fez. Seu filho e herdeiro empilhou os papéis num sótão e esqueceu-os. Quando um conhecido teve acesso a 13 desses ma-



Esta besta, como uma metralhadora, permite ao arqueiro, colocado dentro de um tambor rotativo, atirar flechas sem parar

nuscritos e pretendeu devolvê-los, o filho de Melzi não se dignou recebê-los.

Por essa época, no entanto, havia corrido a notícia da existência desses preciosos documentos, e Pompeo Leoni, escultor italiano que trabalhava em Madrid, adquiriu praticamente todos. Pensando que seu valor poderia aumentar se estivessem organizados, colou centenas de folhas soltas num álbum do tamanho de um atlas — daí, o nome «Atlântico». Esse códice (livro de manuscritos) foi comprado por um nobre italiano que, em 1636, o doou à Biblioteca Ambrosiana de Milão.

Nos séculos seguintes, os estudiosos que ali consultavam o Códice Atlântico freqüentemente notavam sua falta de unidade. Em alguns casos, Leoni havia colado duas ou três

folhas umas sobre as outras, escondendo o que julgava sem importância. Entre os que viam necessidade urgente de uma restauração da obra, estava monsenhor Giovanni Battista Montini, arcebispo de Milão, hoje Papa Paulo VI. Finalmente, o governo italiano decidiu patrocinar a aventura, que, em vista do inestimável valor dos apontamentos, deveria ser feita em segredo.

Neste ponto, entra em cena o padre Josaphat Kurelo. Esse monge nascido na União Soviética, formado em petroquímica, é uma figura amável, barbuda e conhecida como um dos maiores especialistas mundiais em livros. No mosteiro onde vive, situado nas colinas perto de Roma, o padre Kurelo me levou até seu laboratório. «Encontramos mais ou menos 80 originais desconhecidos, até agora», disse. «Cada item foi quimicamente limpo e reforçado. Segurança? À noite, colocava atrás das portas do laboratório recipientes com gás venenoso e avisos, *gás!* Não tivemos problemas aqui.»

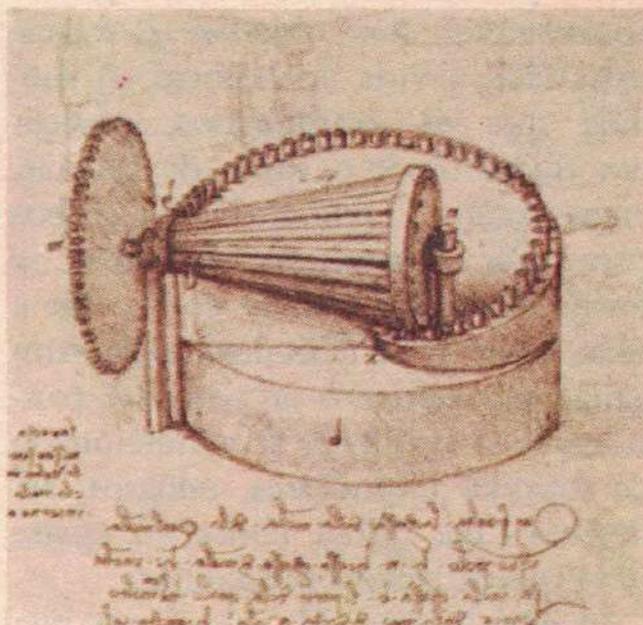
Hoje, o inestimável códice, repartido em doze enormes tomos, está a salvo outra vez na Biblioteca Ambrosiana. Atualmente, uma edição facsimilar de 998 páginas, encadernada em couro, está sendo lançada por

Giunti-Barbera, editor florentino, e cada coleção será vendida a bibliotecas e colecionadores por soma equivalente a 10 mil dólares.

Que foi feito dos outros papéis de Da Vinci? Uma coleção de seus desenhos foi comprada aos herdeiros de Leoni pelo conde de Arundel, antes de 1630, e mais tarde doada à família real da Grã-Bretanha. Esses seiscientos e tantos desenhos estão atualmente no bem guardado castelo de Windsor. Os estudiosos tiveram o primeiro contato com os apontamentos de Da Vinci quando Napoleão invadiu a Itália em 1796 e enviou para Paris o Códice Atlântico e 12 livros de anotações como parte dos despojos artísticos de guerra. (O códice foi devolvido: os 12 livros estão atualmente no Instituto da França.) Outros cadernos de apontamentos, assim como folhas soltas, estão espalhados através do mundo cristão. Alguns especialistas acreditam que três quartos do grande tesouro desapareceram.

Nos últimos anos, havia crescido a suspeita de que uma importante parte da obra de Da Vinci estaria escondida na Espanha, onde Leoni morreu em 1608. Sabia-se que dois volumes estiveram no palácio real espanhol; mas perdera-se qualquer vestígio deles quando a biblioteca do palácio foi integrada à Biblioteca Nacional em Madrid. Então, em 1965, por instância de estudiosos, os bibliotecários fizeram uma busca cuidadosa a esses documentos. Lá estavam os volumes, dois livros em tamanho normal, encadernados em couro vermelho, com gravações em

ouro — catalogados sob números de referência errados («Aa 119» e «Aa 120», em vez de «Aa 19» e «Aa 20») e, por isso, fora de lugar, desde 1830! Esses volumes, hoje conhecidos como Códice de Madrid, acrescentaram cerca de 700 páginas às seis mil e tantas das anotações e desenhos já conhecidos de Da Vinci.



Compensador de mola para um relógio, sobre escrita invertida de Leonardo

Tanques e seda. Os 19 livros de apontamentos atualmente compilados dão-nos uma rara compreensão dos processos mentais de Da Vinci e de seus dilemas. Por exemplo, embora acreditasse que a guerra era terrivelmente brutal, passou boa parte de sua vida como engenheiro-militar, primeiro para o Duque Sforza e mais tarde para César Bórgia, conquistador de grande parte da Itália central. Para suas campanhas, ele criou (pelo menos no papel) impressionantes instrumentos bélicos, como um «tanque» empurrado por soldados a pé

dentro de uma carroçaria blindada; uma carroça com lâminas de aço giratórias, presas ao eixo; e armas de fogo rápidas, com vários canos. Engenhosamente, previu o submarino e o míssil de dois andares, ou «dardo que lança flecha», como ele o chamou.

Apesar disso, a maior parte dos oitocentos e tantos esboços de engenhos que ilustram suas anotações é aproveitável. Seu objetivo é tornar mais fácil a vida do homem. À medida que os examinamos, parecemos quase ouvir o ruído de cadeias, engrenagens e polias. Há engenhos para afiar agulhas, cortar barras de ferro, medir a umidade do ar, fiar a seda, moer carne. Um dispositivo com água para esfriar o ar pode ser considerado o primeiro ar condicionado do mundo. Guindastes, relógios, refletores — Da Vinci concebeu quase tudo que se queira mencionar.

O que limitou Da Vinci em boa parte de suas invenções mecânicas foi a falta de uma força propulsora. As fontes de energia conhecidas por ele eram músculos, vento, água, gravidade. De fato, ele inventou uma carruagem sem cavalos (o primeiro automóvel!) movida por uma engrenagem de arcos dobrados. Mas quem iria acionar a manivela dessa máquina a cada metro que andasse? Sem motor de combustão interna, sem máquina a vapor nem eletricidade, era impossível para Da Vinci ir mais adiante do que já tinha ido.

Ao contrário de seus contemporâneos, Da Vinci não hesitava em sujar as mãos para chegar aos princípios básicos. Ele sabia muito bem o que

significava «passar noites na companhia de corpos horrivelmente esfolados e retalhados». «Dissequei mais de 30 cadáveres», anota ele. Dedicara-se à anatomia, assim como à óptica e à perspectiva, para aperfeiçoar sua pintura. As figuras humanas, explicava, não deveriam ser pintadas para parecerem «sacos de nozes». Trabalhando em profundidade, interessou-se pelos órgãos, funções e o próprio mistério da vida. O que faz o olho ver, o útero conceber? Seus desenhos do coração e do feto são marcos na história da pesquisa médica.

O toque humano. Estudos de aves e da articulação de suas asas estão espalhados em todas as anotações de Da Vinci. Um volume inteiro, atualmente em Turim, tem o título de *O Vôo das Aves*. Seus rápidos esboços do vôo das aves são tão fiéis que os especialistas compararam sua visão a uma câmara fotográfica de alta velocidade. Se aves e morcegos podem voar, perguntava-se Da Vinci, por que não o homem?

Acreditando, erroneamente, que apenas a força dos músculos seria suficiente para carregar seres humanos pelo ar, desenhou aeroplanos que poderiam ser operados por um piloto deitado de bruços, agachado ou em pé — e usando braços e pernas como «remos». Projetou uma hélice em espiral que, espantosamente, antecipa o helicóptero, mas à qual falta a necessária força de elevação. Em comparação, seu pára-quedas piramidal, no qual o homem fica pendurado pelos braços, pode funcionar.

Especialistas em aviação não hesitam em qualificar Da Vinci como o primeiro homem a estudar o problema do vôo como cientista. O aeroporto internacional de Roma tem significativamente o nome de Da Vinci.

Como avaliar essa maciça produção de idéias? Na verdade, é pouco importante perguntar se as invenções e máquinas de Da Vinci provocaram algum impacto no progresso material. O que nos enche de admiração é a mente que está por trás de tudo isso — uma mente impelida

pela curiosidade, que é a fonte de toda verdadeira ciência.

No entanto, Da Vinci era sobretudo um artista e, enquanto seus trabalhos científicos ficaram praticamente enterrados durante três séculos, sua arte enriqueceu e dignificou o mundo. Hoje, longe de ofuscar o brilho tradicional de sua obra, seus apontamentos reforçam-no com um toque humano. Sua vitalidade, seu apelo, seu valor irrefutável, repousam no fato de que vieram da mão que pintou a «Mona Lisa».



NUMA FILA de ônibus, escutei duas senhoras idosas conversando sobre a mocidade de hoje.

«A gente nem consegue distinguir entre eles e elas», resmungou uma. «Olhe para aqueles dois. São garotos ou garotas?»

«É fácil», sorriu a amiga. «O que está vindo em nossa direção é Luís, meu neto.»

«Olá, vovó!», foi a saudação. «A senhora saiu cedo.»

«Nem tanto assim», respondeu a senhora, com um suspiro. «Como vai você, Dora?»

M. E. L.

O MÉDICO foi chamado a meio da noite.

«Examine o meu coração», pediu o paciente.

«Mande vir os seus parentes imediatamente», ordenou o médico.

«É assim tão grave?», perguntou o doente.

«Nada de grave», respondeu o médico, «mas não quero ser o único a sair da cama por causa de uma simples indigestão.»

— M. C.

MUITAS vezes, os empregados de um hotel perto do Lago Louise, no Canadá, têm de responder a perguntas sobre o cenário e as atrações turísticas do lugar. Há pouco tempo, uma turista muito ingênua pediu que lhe mostrassem a Geleira Vitória, talvez a vista mais fotografada do Lago Louise. Da janela do hotel, apontaram-lhe a geleira, bem alta, na extremidade do lago e cercada dos dois lados por altas montanhas.

«Não admira que eu não a visse», exclamou a turista. «Está toda coberta de neve e gelo.»

— H. W.